

A educação, no futuro, precisa de outra escola. Amanhã de manhã.¹

Vão ver que se esta é uma comunicação simples: vou falar-vos de coisas tão mundanas como os vestidos e o seu tamanho, de máquinas centrifugadoras, de aperitivos, do tipos de peles, da chuva e... do medo. Tudo coisas bem simples, portanto.

Advirto quem não me conhece para o facto de que:

(i) uso de bastante frontalidade no modo de colocar as questões que sinto que nos preocupam e atormentam, o que incomoda algumas pessoas, mas é tudo por amor, não estou zangado, estou apenas em combate; (ii) o que digo não visa criar prosélitos e consensos, visa provocar a discussão dos problemas no espaço público, que é onde os problemas da educação têm de ser debatidos, como o fazem aqui, hoje; (iii) pediram-me para vos falar do futuro, de como gostaria de ver a educação escolar e as escolas, o que me leva para o campo do desejo e não para o do como fazer, do como chegar às novas realidades que gostaria que ocorressem, sei que isso, o processo, o caminho, é muito decisivo, mas hoje vou falar-vos sobretudo de uma visão; (iv) tenho das coisas uma perspectiva bastante radical, no sentido de que procuro ir à raiz, não pretendo ficar na espuma dos fenómenos e dos acontecimentos, pois ando a pensar e a lutar na área da educação há 40 anos e... a idade não perdoa; (v) outros países da Europa e do mundo passam por problemas, desafios e dificuldades muito semelhantes aos nossos, pelo que o pânico de nada serve, só o diálogo, a concertação e os compromissos comuns, no espaço público, nos podem realmente “salvar”; (vi) estou armado de uma forte esperança.

1

De onde, de que lugar vos quero falar?

Há um conjunto de pressupostos cuja explicitação é decisiva quando falamos acerca do que é e do que queremos que seja a educação escolar. Em que é que eu creio?

-acredito na educabilidade e na perfectibilidade de cada ser humano, sem exceção

-acredito que em cada aluno/a mora uma pessoa única, irrepetível, dotada de uma dignidade inviolável, merecedora do maior respeito e da melhor hospitalidade por parte de qualquer instituição de educação

-estou convicto de que a única contrapartida que a educação escolar pode oferecer aos cidadãos, diante da extrema violência com que a comunidade determina que cada cidadão que nasce não pode fazer mais nada a não ser andar na escola, até aos 18 anos, é atuar com uma extrema atenção, cuidado, apoio criterioso e incentivo contínuo a cada aluno

-reconheço que esta escola adquiriu, pela utilidade e pela violência com que se impôs, uma relevância social que a ultrapassa, que nem ela nem a sociedade perceberam, quer na sua amplitude quer no impacto que tem na vida de todos os cidadãos

¹ Este texto deriva de uma comunicação que fiz em Braga, a 7 de Novembro de 2014, a convite do Centro de Formação Braga-Sul, na Escola Secundária D. Maria II.

(diria que a educação que se pede à escola é um vestido XXL e o corpo da escola é o de uma criança de dois anos)

e a escola de hoje apresenta-se, por isso, como uma instituição educativa do passado, pequena e frágil (um vestido de criança de dois anos), que dificilmente está apta a responder aos novos desafios do presente (o vestido XXL), mesmo descontando que alguns destes desafios correspondam a equívocos

-acredito que grande parte do mal-estar que hoje existe com a educação escolar e com os professores, particularmente em Portugal, tem também que ver quer com esta enorme fratura entre as quase ilimitadas expectativas sociais face à escola e a muito limitada capacidade desta em dar conta do recado (como resolver o problema do corpo de dois anos e do vestido XXL?)

-se é verdade que este “transbordamento” (A. Nóvoa) de mandatos atribuídos à educação escolar é míope, desajustado e injusto, visando desviar o nosso olhar para com a educação familiar ou a educação dos media, esses sim campos a precisarem com urgência de outro olhar da sociedade, é também verdade que a instituição escolar do presente e do futuro não pode, sob nenhum pretexto, deixar de considerar seriamente a parte que lhe cabe, esclarecendo o que quer fazer e *como*, sob que condições e com que regras, para que fique bem claro o que não quer e/ou não pode fazer

-qualquer que seja o resultado deste esclarecimento, que deve fazer-se progressivamente no espaço público, com ampla participação social, é para mim evidente, olhando para o mundo de hoje (remeto para o meu texto “Quem não espera, desespera”), que a escola tem de ampliar a sua capacidade para ensinar educando, promovendo o que sintetizo numa frase: promover bons alunos, fazendo tudo para que sejam também boas pessoas.

O desafio é tremendo, a discussão do assunto é da maior importância, mas...

o que é importante nunca é urgente...e o que é urgente nunca é o importante...no espetáculo dos dias, a espuma vence a água que a transporta...

A concluir este ponto de abertura:

-acredito numa educação escolar de tal qualidade que cria condições para que todos e cada um dos alunos progrida nas suas aprendizagens, sem deixar nem um só para trás, uma educação escolar que hoje tem de estar particularmente atenta à *orientação* escolar e social dos alunos, a apoiar a *descoberta* que fazem de si e dos outros, à *co-construção* de projetos de vida, sobretudo como apoio a todos e a cada um dos que não podem contar com esse apoio por parte de outra instituição social (que falhou na sua missão...família, associação cultural, igreja, comunidade de vizinhos, ...), os mais pobres, desprotegidos e desorientados.

Começo por aqui, pela afirmação deste lastro de terra firme, porque assistimos a um gravíssimo reducionismo da matriz antropológica e humanista da educação escolar, em nome de tecnocracias mais ou menos politicamente corretas (ex. as taxas de empregabilidade, as empresas como o modelo a imitar, os resultados escolares medidos em métricas de exames nacionais e taxas brutas de escolarização, etc.), tecnocracias estas em que, muitas vezes, nos deixamos embalar. Precisamos de ter consciência disso mesmo, pois estamos, mesmo inadvertidamente, a ser coniventes com algo que está a retirar ao futuro do nosso país (do nosso mundo) a densidade humana que ele tem de ter. E só a terá

se as novas gerações a levarem consigo para o futuro, no coração e na mente, pois é coisa que não se implanta mais tarde, de estaca, no meio de crises culturais e de guerras, em adultos que acharão que é sempre mais fácil eliminar uns loucos do que ouvi-los. O que não semearmos hoje não teremos para colher amanhã.

2

De que escola vos quero falar?

Dito isto, é mister não vos deixar aqui a resolver o problema do desajustamento entre o vestido e o corpo que é preciso vestir, sem dar alguma ajuda, afinal foi por isso que vim a Braga, para vos ajudar a, amanhã de manhã, poder vestir bem a escola ...

Em concreto que escola é esta, que configuração deve ter, como é que este pequenino corpo deveria evoluir?

Quero falar-vos

de uma escola que acolhe todos, que promove todos os portugueses (essa escola que tão brilhantemente colocamos de pé, nos últimos 50 anos!) sim, mas também de uma escola para cada um/a, o que não é a mesma coisa. E temos de pensar muito nesta questão.

De que falo? De

uma instituição de educação com tempo e espaço e atenção para cada aluno/a, uma instituição que esteja apta a exercer esse acolhimento e essa hospitalidade que todo o ser humano e a sua dignidade reclamam e não a escola dos 70 a 80% dos jovens, como são em geral as escolas secundárias portuguesas.

E os outros portugueses? Bastou trazê-los à escola e depois deixá-los pelo caminho?

O que dizemos habitualmente é: “Oh, eles não querem, os pais não participam ...o meio social não estimula ...o seu desinteresse é tão grande ...a sua desmotivação é tão visível...”

A escola de que falo é a escola de todos os portugueses, incluindo estes, os que são centrifugados pela maquinaria escolar, diria até uma escola com um carinho especial por estes, os 20 a 30% que não têm lugar à mesa do banquete: uma escolaridade de 12 anos com qualidade.

(acompanho um grupo de jovens que abandonaram a escola que já os tinha abandonado e que estão a realizar um percurso socioeducativo fora da escola tradicional, no Porto, e sobre a escola que eles tiveram dizem coisas como:

“aquí têm paciência. Não é como os outros [professores], na escola. Os outros é sempre a andar. (...). Nas outras escolas, o normal não é assim. Passou, passou; não passou, passa sempre à frente Não vai estar a explicar dez vezes, aqui explicam. Isso é que é diferente”- Projeto Arco Maior).

Não, a escola do futuro tem tempo e tempos, é uma multiplicidade de propostas educativas escolares que, em cada comunidade, envolvem todos e a cada um respondem adequadamente, sem que haja um só cidadão deixado por conta.

Falo-vos

(b) de uma escola que cumpre um plano de estudos nacional e que consegue construir planos de estudo para e com cada aluno, pois não há outro modo mais concreto e realista de conseguir o melhor resultado escolar, que consiste em fazer progredir todos e cada um dos alunos,

Que tem um corpo docente competente, que reflete em permanência e em equipa sobre o que faz e sobre os resultados do que faz e que, na sequência dessa reflexão, decide o melhor que há que fazer (ouvindo os pais dos alunos, sempre que necessário) e que, finalmente, avalia o que fez e corrige o que for necessário e passa de novo a uma ação já melhorada.

Não é uma escola em que cada professor trabalha para si e por si, onde se encontra uma ou duas vezes por período com os colegas para pensar e decidir sobre a progressão dos seus alunos (essa é uma “pobre prática” do passado!).

É uma escola em que os docentes são impelidos estruturalmente a trabalhar em equipa, em que existem consignados os tempos e os modos para tal, em que a sala de aula é um espaço pensado em equipa, gerido em comum, reformulado em equipa, pois não há caixas negras fechadas aos colegas numa escola responsável e com profissionais responsáveis ...

É uma escola que acredita na sua capacidade de aprender, dia a dia, sobre o melhor modo de construir um percurso escolar com cada aluno/a, fazendo e refletindo sobre o que se faz, como e com que resultados, sempre, em cada dia e em cada semana, sem descanso, com esperança, de modo a criar essa referida multiplicidade de oportunidades educativas, de sucessos escolares.

Falo-vos

(c) de uma escola ancorada em valores, que os escolhe sem medo, que os pensa com os pais dos alunos e com os alunos sem tibiezas, que os proclama bem alto e que os aplica sem ter receio de um qualquer endoutrinamento, mas que o faz apenas porque é uma escola que acredita e se guia por certos valores e não por outros, porque sabe que só se esses valores forem vividos assim serão lanternas e limites cruciais para quem cresce.

Os valores são o cimento da orientação escolar e profissional, a água que alimenta a capacidade de aprender a ser e a viver juntos, o húmus da cidadania ativa e da responsabilidade social.

Por isso, na escola do futuro os valores não são um implícito, algo que apenas subjaz, lá na cave

(correndo o risco de nunca serem vistos, de tão preciosos que são!), mas algo trabalhado em permanência, re-esboçado com cada geração que cresce e com cada geração que educa, à luz do dia, às claras.

Falo-vos, é óbvio

(d) de uma escola que pratica uma gestão livre e criativa do tempo escolar, letivo e não-letivo, fazendo assim a melhor gestão dos seus recursos, tendo em vista obter, com os melhores processos, os melhores resultados.

Falo-vos, por isso, de uma escola que tem tempo(s) para tudo, uma escola que recusa ser um aulário e que, cumprindo à risca as horas de leção nacionalmente prescritas, tem tempos letivos e não letivos muito diferentes que cruza com grupos diversos de alunos: 5 alunos para desenvolver uma experiência laboratorial ou uma pesquisa, 15 para realizar um

aprofundamento temático em grupo, 50 ou 120 para uma aula de apresentação de um tema, 400 para o visionamento de um filme, de 1 ou 2, quando aprendizagens essenciais não são adquiridas à primeira ou à segunda vez.

Uma escola que tem tempos para aqueles alunos que não avançam no tempo pré-determinado e suposto, tempos para parar e pensar, em cada semana: como estão a evoluir os **nossos** alunos? Que vamos agora propor ao António e à Joana? Falo-vos de uma escola, não de uma empresa fabril, de uma qualquer maquinaria industrial ou informática e esta é uma escola em que não se pratica o princípio do isolamento pedagógico e profissional dos professores, como se estes fossem os responsáveis únicos pelo ensino das suas turmas, mas o princípio da corresponsabilidade pelo ensino e pelas aprendizagens, pelos resultados da escola, como uma “Comunidade de Aprendizagem Profissional” (A. Bolívar)

Falo-vos

(e) por isso, de uma escola que, para funcionar com esta flexibilidade de grupos e de tempos, se organiza com a arquitetura e os espaços físicos adequados a esta diversidade de grupos e de tempos.

Não é já uma escola que está organizada grosso modo apenas com duas tipologias de espaços, salas de aula de 70 m² e laboratórios, simplesmente porque hoje nem todos os alunos são de classe alta ou média alta, nem todos são brancos e autóctones, simplesmente porque a escola da democracia não pode nem quer ser a mesma escola que servia e serve a elite, por mais que isso nos custe admitir.

As escolas que temos e as que estamos a construir não servem a educação escolar dos próximos decénios pois, em termos de espaços, são módulos fabris e ainda por cima, fábricas de um só produto, ...inaptas à flexibilidade, aos diversos tempos, pessoas, grupos, e à nova amplitude de atividades (aulas expositivas, trabalhos de pequeno grupo, pesquisas individuais e em grupo, visualização de filmes e vídeos, debates, assembleias, trabalhos com técnicos de orientação, ...). A informação vai estar em todo o lado... e como se deverá desenvolver no espaço escolar o conhecimento que a escola pode e deve ajudar a edificar, com robustez? (onde estávamos quando a Parque Escolar reconstruiu e construiu, com os recursos de todos nós, escolas novas para a educação escolar do passado? Uma escola nova tem de ser uma instituição de educação pensada para os próximos 100 anos! Quem é que esses senhores ouviram? O que esconde aquela “boniteza” e aquele luxo? Por mais injusto que possa ser com alguns, a boniteza e o luxo escondem desde logo a vontade de ganhar dinheiro a qualquer preço e uma enorme falta de ideias sobre a melhor educação de cada um, da parte de quem dirige!)

Falo-vos

(f) de uma escola que sabe que tem de contar com profissionais do ensino de muita qualidade, dedicados, cooperantes, porque é à escola e a mais ninguém que cabe proporcionar a todos e a cada um trajetórias de aprendizagem de qualidade, em boa parte independentemente do que se passa no contexto social, profissionais que trabalham crescentemente baseados na evidência, nas melhores práticas e experiências já realizadas e nos melhores resultados já obtidos, uma escola que sabe o que é o “efeito escola” e cujos professores sabem

o que é o “efeito professor” e daí tiraram todas as consequências para melhorar o ensino que promovem, uma escola que sabe que tem de estar focada, muito bem focada no que quer fazer, que não pode fazer tudo, entrar em todos os desfiles nem cantar com todos os folclores, mas antes uma escola que não desiste de ter um foco nos melhores processos para obter os melhores resultados (uma escola que se avalia em permanência, não para ranking-ver, mas para melhorar sempre o seu desempenho social).

A escola do futuro tem Planos Anuais de Melhoria Gradual, com compromissos concretos, que têm de ser Poucos, Pequenos e Possíveis, em que todos os intervenientes estão implicados, uma escola que melhora ano a ano, lentamente, na base de compromissos claros, documentos simples, conhecidos e profundamente avaliados.

Falo-vos

(g) de uma escola que, por isso e para isso mesmo, controla os seus recursos, incluindo os seus docentes (os diretores das escolas dizem-nos, numa investigação que temos em curso na UCP, mais de 90% dos diretores ouvidos, de norte a sul, que precisam de contratar os seus professores, para ter a escola alinhada e de modo a atingir os objetivos propostos e aprovados), porque uma escola destas não pode ter professores que não querem, que não gostam, que não podem, que não lhes apetece...

Uma escola que é responsável, que se compromete com objetivos de melhoria gradual e que cumpre com aquilo que se compromete, diante dos pais e diante da comunidade, é uma escola que controla os seus recursos.

(o modo de lá chegarmos é outra questão, e não é difícil, desde que evoluamos gradualmente e de modo negociado; as escolas profissionais, cerca de 170 atualmente, contratam os seus professores, vários milhares portanto, há 25 anos e não creio que isso tenha feito cair algum santo abaixo do altar!).

Quero falar-vos

(h) de uma escola de serviço público, o que quer dizer uma escola que acolhe e promove *todos* os portugueses, sem exceção, o que quer dizer escola que apoia *cada um/a* a ir o mais longe possível em conhecimento do thesaurus cultural herdado, em desenvolvimento de si, em identidade e autonomia, em convívio e cooperação com os outros, em capacidade de participar em cada comunidade concreta, recriando-a.

Todas as escolas portuguesas, com alvará para funcionarem como tal, que cooperam na promoção deste serviço são bem-vindas à missão.

(escola pública não quer dizer escola promovida pelo Estado e propriedade e gestão feita diretamente pelo Estado, que dizer escola integrada nos fins públicos da educação escolar, qualquer que seja a sua natureza jurídica, parte integrante do “serviço público de educação”).

Uma escola que se interliga, em cada comunidade local, com as outras instituições que prestam este serviço ao bem comum, qualquer que seja a sua natureza jurídica, sob o lema da justiça e da solidariedade, para que cada um/a dos alunos tenha reais e ricas oportunidades educativas.

Falo-vos

(i) de uma verdadeira instituição autónoma de educação, que cumpre orientações gerais nacionais e que deve passar a responder perante uma administração local de educação e formação (a criar), uma instituição com autonomia pedagógica, administrativa e financeira para executar os orçamentos negociados e aprovados.

(neste plano temos muito caminho a fazer; estamos bloqueados, decretamos por quatro vezes a autonomia das escolas e ela ainda não chegou a nenhuma delas; existem até mais de 200 contratos de autonomia com agrupamentos e escolas sem que a autonomia tenha chegado a esses agrupamentos e a essas escolas...)

De que servem tantos dispositivos que já existem de avaliação externa e de autoavaliação, se nas escolas não reside a capacidade para tomar em mãos o controlo das práticas pedagógicas, o modo como se ensina e as ações para ensinar melhor e fazer aprender mais? Serão ações episódicas, folclóricas, mais ou menos inconsequentes, a prazo.

O caminho é descentralizar administrativamente para darmos então passos claros em ordem à autonomia de cada escola/agrupamento, é preciso criar instâncias locais de governo da educação (mas precisamos agora de comida mesmo, não coisinhas para aperitivo como os Conselhos Municipais de Educação...não de uma descabida “municipalização”, mas de um verdadeiro governo local participado da educação!), é preciso e possível exercer uma real autonomia responsável.

(mas, oh, é o pânico por todos os lados, ME, escolas, autarquias, sindicatos, todos têm medo da efetiva autonomia...mas então tenhamos consciência de que são o medo, a desconfiança mútua e a falta de diálogo que nos paralisam! Somos NÓS que não queremos!).

Falo-vos

(j) de uma escola inserida profundamente na sua comunidade, que se distancia criticamente dela na medida em que com ela trabalha e coopera, de instituições locais que solidariamente se comprometem para melhorar a educação em cada comunidade, em redor das escolas.

Escolas em que a chamada “ligação à comunidade envolvente”, está na sua matriz, faz parte do seu modo de ser e estar, do seu ADN, não é um desejo, uma marca postíça, é algo matricial-institucional.

As escolas do futuro serão escolas inscritas no real concreto, sem medo, amantes do real que as cerca, da diversidade e da diferença, da tensão e do conflito de interesses, cooperantes com todas as outras instituições locais disponíveis; escolas que procurarão ser, não a maior das instituições locais, mas a que presta o melhor serviço para a comunidade, que é e será o da educação.

...

Falo-vos

(l) de ambientes culturais ricos, onde a alegria e a esperança são uma constante do dia-a-dia, pois muitos dos frutos da educação vêm-se no dia e na hora, até no minuto ...

Reconheço que vos falo de uma “cultura escolar” que não é a dominante. Mas a sua construção está em marcha em muitas escolas, é algo que está ao nosso

alcance, não se trata de uma missão impossível. Pena é que não sejamos capazes de lhe dar um corpo, de unir as nossas escolas (e projetos e desejos) umas às outras, é pena que não saibamos passar de experiências a estruturas formais, de práticas esporádicas a um desenvolvimento institucional claro e bem direcionado...em cooperação¹

3

E aqui chegados, reitero que esta é apenas na minha perspectiva, acerca da escola de que a educação escolar hoje precisa, hoje e nos tempos que se avizinham, a escola de que precisamos porventura já amanhã de manhã.

E então, uma pergunta se levanta:

porque é que não temos esta escola amanhã, de preferência já amanhã de manhã?

Deixo-vos com algumas das razões, cuja explicitação já nos deixa antever um caminho para o futuro, este ou aquele que cada professor aqui presente quiser imaginar como o melhor, em função das suas opções de base.

(i) Porque *sempre foi assim*...sempre tivemos esta escola e esta escola antes é que era boa, antes do 25 de abril, ...

(ii) Porque somos dominados, mais do que pensamos, *pelo medo*, esse medo atávico de que tão bem nos fala José Gil, o “medo de inscrição”, o medo em confiarmos nas nossas capacidades profissionais e na nossa capacidade de cooperação entre escolas e entre parceiros institucionais para impormos os nossos diagnósticos, social e participadamente construídos, os nossos planos de ação e os nossos planos de melhoria...

(iii) Porque impera a *desconfiança* face às escolas e aos professores por parte da elite política dirigente, seja de que partido for, e a *desconfiança* é dominante e é fatal. Este é um drama colossal, que só se ultrapassa com outra cultura política, de diálogo e parceria, de cooperação e compromisso.

(iv) Porque o grupo *profissional dos professores é frágil*, fragmentado, desconexo em termos de rumo, tem um discurso sobre a sua prática pouco elaborado, não trabalha baseado na evidência, desbarata as competências profissionais adquiridas pois não tem acumuladores profissionais, não trabalha com acumuladores profissionais comuns e sem eles é muito difícil estar sempre a começar do zero...diante de desafios tão complexos como os de hoje e dos próximos tempos.

(v) Porque *o país não está preparado*... (dizem-me sempre no ME: oh professor, você não conhece as escolas e os diretores das escolas, você anda sempre a conviver com os melhores, meia dúzia, mas os outros, nem lhe passa... ele há cada incompetente!)

Este argumento é o pior de todos e surge acoplado a outros, como o da *desconfiança* e do *medo*.

(Salazar dizia que o povo português não estava preparado para a democracia e que esta seria o caos. Nunca aceitei isto, nem antes do 25 de abril e revoltei-me contra isso; porque haveria de aceitar hoje, 40 anos passados, o mesmo

argumento, por parte dos novos dirigentes políticos que, na liberdade e na democracia, ainda não aprenderam o verdadeiro valor da liberdade e da participação!).

As novas gerações deviam saber que esta máxima não é verdadeira e que só participando se aprende a participar, só construindo se aprende a construir melhor; as novas gerações nunca deveriam usar este argumento para nada...mas ... já ouço alguns de vinte anos a usá-lo... é muito difícil, mas a luta contra estes argumentos tem de continuar cerrada!

(vi) Porque *preferimos o faz-de-conta* ao conhecer e enfrentar a realidade tal qual ela é. A teoria da “hipocrisia organizada” de Brunsson é a que melhor explica o que se passa. E esta teoria explica-se em 3 tempos: (i) o ME legisla a toda a hora assegurando, pensa ele, a sua legitimidade e garantindo a priori o funcionamento impecável do sistema, em todas as suas componentes (porque desconfia das escolas, dos diretores, dos profissionais...); (ii) as escolas cumprem e, não dizendo o que não cumprem, cumprem apenas aquilo que acham que devem cumprir e adaptam-se o melhor que sabem e querem à torrente legislativa, desde os diretores aos professores e a cada sala de aula; (iii) o ME sabe que as escolas assim fazem e as escolas sabem que o ME sabe disso e ambos continuam a proceder do modo habitual. Todos fazem de conta!

O ME impões normas, sabendo que nem tudo pode ser cumprido, mas fica satisfeito com a beleza da norma bem feita. As escolas obedecem, fazendo de conta que cumprem as normas que são obrigadas a cumprir, mas lá se vão adaptando, adaptando as normas instituídas. E ambos dançam esta dança.

Se assim não fosse, o que aconteceria? Aí, sim, é que seria o caos...

Ou seja, todos fazem de conta, e se não fosse assim, o sistema seria como uma pele que esticaria e facilmente rebentaria, tal é o excesso de normas, a sua uniformidade e a sua inflexibilidade e tal é a complexidade da realidade local em que as escolas operam e tal é a sua real fuga ao estipulado.

Este modelo tem duas graves consequências. Uma, que ambos aceitam, reside no facto de as escolas e os seus diretores estarem sempre nas mãos da administração central, porque, em qualquer caso, esta tem o poder de desfazer tudo o que é feito nas escolas e não se encontra exatamente conforme a norma (e isto acontece em tantas escolas e tantas vezes, só quem não analisa e estuda os reais problemas que temos é que desconhece esta realidade!); porque o que interessa ao ME verificar é a conformidade com a norma, não é a verificação da conformidade da ação da escola com aquilo que ela mesma, de forma aberta, responsável e participada, se tinha proposto atingir, nos seus planos de atividades e nos seus planos de melhoria.

Uma outra, que decorre daqui, tem a ver com o facto de os resultados de toda esta forma de atuar poderem não ser bons e poderem não estar a melhorar

(por exemplo, os resultados dos alunos nos exames externos, que continuam a ser escandalosamente fracos) e não haver forma de inverter esta tendência. Se não houver melhoria de resultados, e se isso não for problema para o ME pode, no limite, também não ser problema para a escola, que se pode desresponsabilizar sempre com o ME, porque muda sempre a legislação, porque está sempre a pedir indicadores, porque nunca verifica o trabalho real que fazemos...porque....

Concluindo: ou seja, ao pensarmos um futuro mais ou menos assim, ficamos insatisfeitos, inquietos e porventura ansiosos. Sabemos que o que não fizemos hoje bem feito na educação, dificilmente se recuperará mais tarde!

Com esta política pública de educação não vamos no caminho certo, por mais que façamos da escola um ateliê de modista, sempre a preparar um vestido que nunca mais sabemos a que desenho obedece! Temos uma política de educação obcecada com o desenho de todo o tipo de controlos externos e muito pouco ocupada, como deveria, em fomentar mais e mais capacidades de construir aprendizagens de qualidade por parte de todos e de cada um/a (Darling-Hammond). Esse caminho constitui uma loucura, é o que ele é, pois agimos convictos de que é por medirmos constantemente o valor da humidade do ar que irá chover (como os ingleses dizem: não é por pesar o porco muitas vezes que ele engorda)

Mas há boas notícias para dar e a mais importante de todas é que nós já temos grande parte das *capacidades* de que necessitamos e, para as que não possuímos ainda, temos todas as *possibilidades* de as gerar adequadamente.

(temos uma elite dirigente que regra geral não as valoriza, não as incentiva, não deseja que elas cresçam, floresçam e se fortaleçam!). O desenvolvimento de um país repousa nas suas capacidades e não nas suas necessidades. Façamos, por isso, o inventário do que já somos capazes, sozinhos e em comum, com confiança!

A segunda boa notícia é esta: todo este emaranhado aparentemente todopoderoso e inextricável, que envolve e prende e ata a escola, como que inelutável e fatal, é uma construção social, tem a força e a fragilidade inerente a essa sua natureza, pode permanecer por décadas e séculos e pode cair de um dia para o outro, se...se quisermos fazer diferente, se soubermos fazer diferente e se cooperarmos para fazer diferente e melhor. E esta é talvez a parte em que somos mais débeis...

Então, estamos à espera de quê? Aguardo as vossas reações e explicações. Mas não me venham com queixas nem com os habituais alibis! É sobretudo de estruturas e de mudanças estruturais que se trata!

Enfrentemos a nossa fragilidade e amemos a nossa realidade!

Joaquim Azevedo